

Linguagem e natureza humana

Gerardo Silva

Quando il verbo se fa carne. Linguaggio e natura humana (Bollati Boringhieri, 2003) é o título original desta recente contribuição do filósofo italiano Paolo Virno, traduzida e publicada em Buenos Aires. Já foram também traduzidas para o espanhol *Gramática de la multitud* (2003) e *Virtuosismo y revolución* (2003), dois excelentes (e imprescindíveis) trabalhos sobre as transformações do mundo contemporâneo, suas formas de vida e de luta. Neles se expressa, com efeito, toda a inquietação com a radicalidade das mudanças em curso e a preocupação com as novas formas da ação política, deslocando os posicionamentos tradicionais e abrindo o horizonte das perspectivas constituintes: pós-fordismo, *general intellect*, êxodo, multidão, linguagem, resistência etc.

A questão da linguagem, em particular em *Gramática de la multitud*, já tinha aparecido como um elemento central da dinâmica produtiva do pós-fordismo, no qual a cooperação e a comunicação tornam-se dimensões inseparáveis da organização social e técnica do trabalho imaterial (ou intelectual). Em uma das 10 teses sobre a multidão e o capitalismo pós-fordista com as quais finaliza o livro, Virno afirma que “no pós-fordismo, o *general intellect* se manifesta principalmente como interação linguística do trabalho vivo”, e completa esta afirmação observando que é o novo caráter reflexivo da atividade laboral que faz com que os aspectos linguístico-relacionais tornem-se ferramentas extremamente relevantes. É justamente essa relevância que vai ser explorada em *Quando el verbo se hace carne*.

A hipótese principal levantada pelo autor na obra é que a faculdade da linguagem (não a língua), a qual o pós-fordismo, como sociedade das comunicações generalizadas, confere um máximo destaque, revela-se também como atributo invariável da natureza humana “desde o homem de Cro-magnon”. Essa faculdade genérica, com efeito, afirma a índole não especializada, flexível, indeterminada e aberta do animal humano e, por conseqüência, a instabilidade das relações sociais da nossa espécie e a necessidade de uma aprendizagem contínua. No capitalismo contemporâneo, diferentemente das “sociedades tradicionais” (sic), tanto a indeterminação da faculdade da linguagem quanto suas potencialidades constitutivas – que Virno chama de *dynamis* – tornam-se a fonte do valor, o trabalho vivo. Como nunca antes na história da humanidade, a exploração atinge essa fronteira biológica.

· VIRNO, Paolo.

· *Quando el*
· *verbo se hace*
· *carne.*

· Buenos Aires:

· Cactus/Tinta y Limón

· Ediciones,

· 2004

CHOMSKY E FOUCAULT

Podemos sintetizar parte da argumentação do livro através da leitura que Virno faz do famoso debate sobre linguagem e natureza humana travado entre Noam Chomsky e Michel Foucault em novembro de 1971 na televisão holandesa (publicado no Brasil no tomo IV do *Ditos & Escritos* sob o título “Da natureza humana: Justiça contra poder”). Como sabemos, Chomsky defende a existência de uma natureza comum graças à qual nos reconhecemos como seres humanos. Essa natureza comum ou natureza humana pode ser reconhecida em uma espécie de conhecimento instintivo ou esquematismo inato próprio do indivíduo biológico, que é atualizado e se desenvolve ao longo do processo de interação social, principalmente através da linguagem. Assim, haveria permanentemente um ponto de convergência e/ou de congruência da diversidade das experiências individuais e coletivas, e a possibilidade de comunicação e aprendizagem mútua.

Para Foucault, pelo contrário, não seria possível reconhecer essa natureza comum senão em relação a uma episteme, a um determinado corte temporal que define o campo de reconhecimento dos atributos da enunciação. Como esse campo é, na verdade, uma superfície de relação de forças ou de poder, o que reconhecemos como natureza humana (incluída aí a linguagem) é, no melhor dos casos, a manifestação dos elementos em confronto; e, na pior das hipóteses, a simples afirmação dos valores dominantes – como, por exemplo, as correntes socialistas dos séculos XIX e XX que acabam reafirmando o receituário dos valores burgueses. Já no plano estritamente biológico, de onde derivam boa parte das interrogações sobre a vida e a natureza humana, é essencial determinar como e porque o interesse científico é direcionado para tratar de certos assuntos e não de outros.

Essa controvérsia permaneceria estéril se não fosse confrontada com suas conseqüências políticas. Para Chomsky, evidentemente, haveria um longo processo evolutivo de afirmação da natureza humana, uma “perfectibilidade” do conhecimento e da razão na luta pela emancipação. Para Foucault o que interessa são os próprios fundamentos da constituição do conhecimento e da razão, o que os converte, definitivamente, em instrumentos de poder. Desse modo, a “perfectibilidade” operaria em sentido contrário àquele postulado por Chomsky. No que diz respeito à linguagem, a divergência se repete. Enquanto para o linguísta norte-americano haveria uma diversidade de caminhos evolutivos das línguas, cada uma delas aperfeiçoando-se na sua capacidade de exprimir o real e todas convergindo em uma sorte de comunicabilidade universal, para o filósofo francês haveria cortes, mudanças radicais de sentido e imensas zonas de incomunicabilidade entre elas.

HISTÓRIA NATURAL

Para Virno, na sua tentativa de exprimir a relação imanente entre natureza humana como faculdade da linguagem e pós-fordismo, que para ele pode ser englobado ou sintetizado no conceito de história natural (“a condição de subtrair tanto do substantivo quanto do adjetivo qualquer auréola metafórica”), ambos os posicionamentos estão equivocados. Em Chomsky a natureza humana “fagocita” a história; em Foucault a história “fagocita” a natureza humana. Como resultado, observa-se em ambos um nexos com perspectivas mítico-religiosas. Em Foucault, a pretensão de reduzir a natureza humana às relações de produção e de poder traz como consequência, segundo Virno, uma cultura impregnada de pulsões teológicas; já em Chomsky, a primazia do invariante biológico evoca o que permanece imutável, o começo de todas as coisas.

É preciso reconhecer em Chomsky, entretanto, o fato de não ter renunciado a uma perspectiva da linguagem como atributo inato do *homo sapiens*. A sua insistência nas propriedades de um sistema de conhecimento instintivo, trazido pela criança para aprendizagem da língua, é um importante passo para a compreensão do desafio colocado pela história natural. O problema, de acordo com Virno, é que Chomsky acaba associando esse atributo inato às línguas históricas, com o qual fica comprometida tanto a hipótese do invariante biológico quanto a do processo histórico de constituição das línguas.

Para a história natural, a questão decisiva é o modo como se concebe a faculdade da linguagem. Diferentemente das miríades de línguas conhecidas e definidas, a faculdade da linguagem é uma faculdade genérica que expressa o que é próprio do ser humano: pobreza de instintos, índole não especializada das funções adaptativas, potência nunca passível de realizações exaustivas, extrema contingência da práxis política. Da faculdade da linguagem ou da natureza humana, com efeito, não se deduz *a priori* nenhum modelo de sociedade justa. Pelo contrário, o capitalismo atual sabe muito bem tirar partido da *dynamis* ou potência de criação situada na fronteira entre a biologia e a história, colocando-a a seu serviço para extrair dela o máximo de valor – através dos novos mecanismos de controle e exploração da comunicação que capturam os “excessos de semanticidade”. Para Virno, é contra esse horizonte de captura que se devem orientar e organizar as lutas e a ação política no mundo atual.

GERARDO SILVA é cientista social e pesquisador associado do Laboratório Território e Comunicação da Escola de Serviço Social da UFRJ.